

fanzine

Gente

de

PALAVRA

n.º 2



Adélia Einsfeldt Amalia Laitano Ana Beise Benette Bacellar Carmen Silvia Presotto Cláudia Gonçalves Chrisellen Vieira Conceição Hyppolito Cristina Macedo Cristina Martim Branco Gabriel Hernandez Júlio Alves Lota Moncada Michelle Hernandez Neli Germano Qorpo Santo Renato de Mattos Motta Scyla Bertoja Soninha Athayde Zaira Cantarelli

J

osé Joaquim de Campos Leão viveu no Rio Grande do Sul no

Século XIX. Nasceu em Triunfo, morou nessa cidade e também em Porto Alegre e Alegrete. Foi comerciante, professor, jornalista, delegado, vereador e, acima de tudo, escritor. Aos 34 anos, tem uma visão e adota o nome de Qorpo Santo. Escrevia compulsivamente peças de teatro, poemas e sua *Ensiqlopédia ou Seis Mezes de Huma Enfermidade*. Propôs uma nova ortografia baseada na fonética das palavras. Sua forma de escrever e o conteúdo de seu trabalho antecipavam correntes artísticas do Século XX como o surrealismo e o teatro do absurdo. Taxado de louco, interdito pela própria família, Qorpo Santo não

consegue levantar a interdição de seus bens, nem mesmo com uma declaração do próprio médico de D. Pedro II atestando sua sanidade mental. A obra de Qorpo Santo perdeu-se, voltando à luz apenas na década de 1960 pelas mãos de Guilhermino César, que pesquisou seus trabalhos, fundamentalmente os teatrais; seus poemas só tornariam a ser publicados no ano 2000. José Joaquim de Campos Leão Quorpo Santo é Gente de Palavra.



RMM

Letras

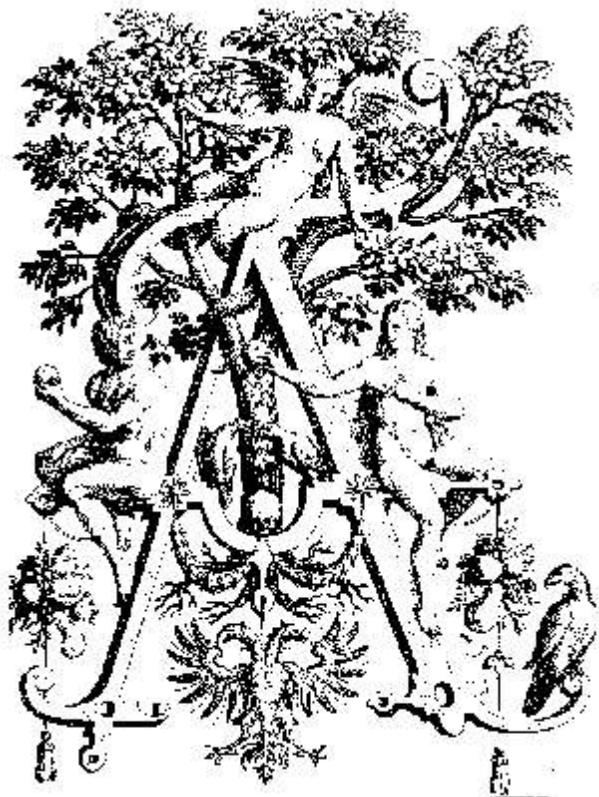
Belas, leves
soltas
encantadoras bailarinas
as letras

com seu bailado
sensual
namoram, procuram
escolhem, encontram
seus pares

formando
a família das palavras.

Maravilhoso
universo da escrita.

Adélia Einsfeldt



Comunhão

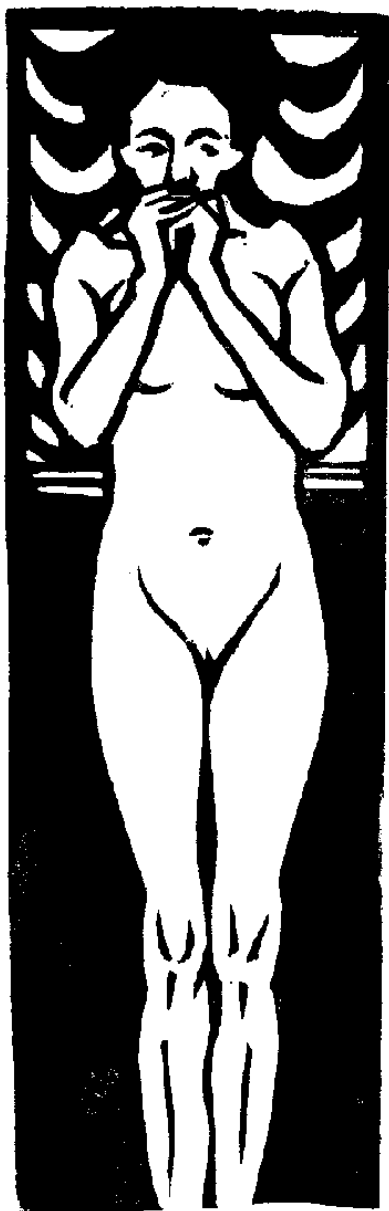
Me sinto inteira

plena

imersa em mar de emoções
a partilhar e comungar
cumplicidade

os abraços
os longos olhares
a percorrer silêncios
transmitem palavras
que sozinhas falam





Contente-se

O Seu destino
Foi feito
Para cruzar com o meu.

Ana Beise

balançava
as pernas roliças
no apendice da casa
voltando ao passado
no aroma do açúcar e canela
arroz doce perfumado
e gosto de cravo mastigado

irrequieta memória
múltiplas as sensações
delicadas todas as minúcias

amores secretos
nas dobras da saia
o branco imaculado do vestido
e até bordou o nome dele no
travesseiro
(era amor verdadeiro)

arteira de alma
corada de estripulias
jogo da verdade
cinco marias
em flerte constante com o proibido
beijo abraço aperto de mão

atiçada por loucas vontades
e na cantiga
fazia figa

queimou
quando no canto da boca
ele beijou

Benette Bacelar

Quer Saber?

Tropeço por ruas
engasgo buscas, cadarços
sapatos

Desenquadrilho o dia
recolho o suor da noite

misturo arroz, feijão
fantasia
tempero o coração

ouço Chico, Caetano,
desfio teus versos
- minhas manias

e quer saber?
- mesmo sem jeito

não finjo, nem escondo
no que agora teço
desapareço

porém rio, com tudo

te reconheço...

Carmen Silvia Presotto
Quer Saber?- XIX, série de poemas
do cotidiano Vidráguas, leves,
brincalhões em sopros de viver!



Embriguez Poética

embriagada solto as armas
adquiridas no decorrer
dos conflitos vividos
a face alivia as linhas
das multi expressões
refletidas e cometidas
as mãos sem propósito
desenham no vento
forma nenhuma
torneiam com os dedos
o que manda o pensamento
embriagada de poesia
não existem tormentos
tudo é alento
carinho, fantasia
o corpo sem movimento
dança mil melodias
as letras que brilham
são almas coloridas



à deriva

sinto-me
um barco perdido
a procura do cais

a cada aurora
ao sentir
o sopro do vento
ali estou

envolta em
um cobertor
de sonhos

querendo ver
o mundo suspenso
nos olhos
dos meus desejos

e quem sabe
ao anoitecer
o cobertor
seja de beijos

Cláudia Gonçalves

Quebra-se o espelho
em mil pedaços
miríade
desfaz-se o tempo
em cacos, traços e
histórias inversas
de onde a bruxa é rainha
enlutada
e a fada-madrinha voa
antes que a noite traga
a madrugada
caminha dentre estrelas
busca a alva
estrela da manhã.

Conceição Hyppolito



Mão única

o grito
gruda
no arremedo
frouxo
de vida

as palavras
decepidas
impávidas
golpeiam

grávidas
de açoite
e punhal

via láctea
a única via

Cristina Macedo

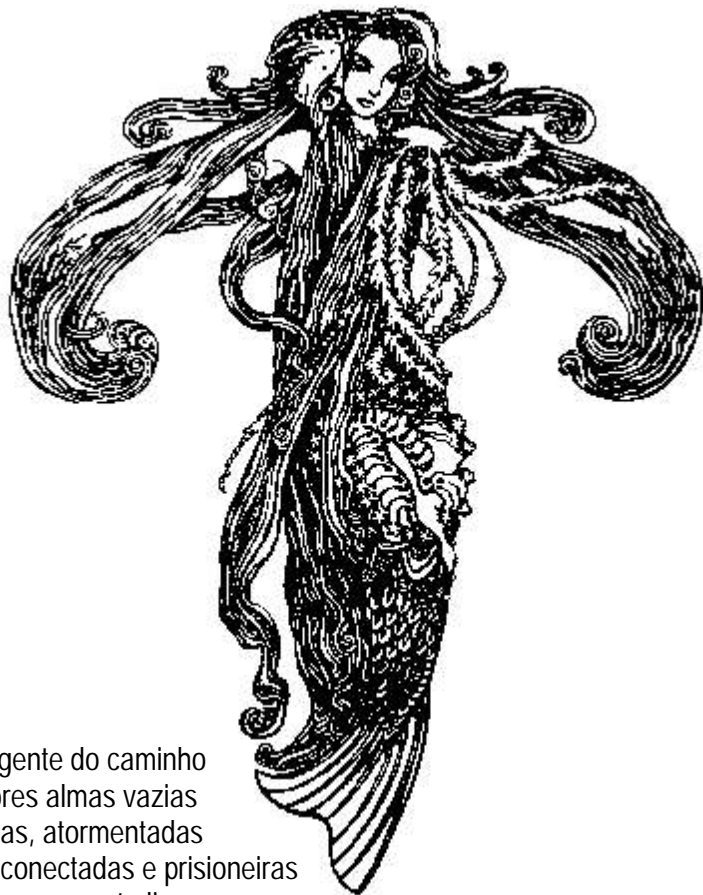


Junta dinheiro o mês inteiro
para depois gastar no puteiro.

Gabriel Hernandez



quando fico cheio
logo transbordo
deixo o demais sair
até ficar com o essencial



Afugente do caminho
pobres almas vazias
cegas, atormentadas
desconectadas e prisioneiras
do pensamento linear

Persiga as bolhas de sabão
dos sonhadores
que ainda guardam a alma de criança

Salve-se dos rompantes
mergulhados no orgulho

esperam aceitação
esbarram no espaço da auto-suficiência

Amanheça então
com o suspiro da lucidez
resguardando as lembranças
que movem o encanto

Não, por favor,
não me consoles,
deixa-me sofrer
que a causa é nobre,
que a pena é limpa
e faz mais leve a alma.

A fina tristeza
como chuva mansa
lava, prepara, encanta,
desliza suavemente
por olhos, boca, garganta,
e deixa na passagem
apenas lembrança.

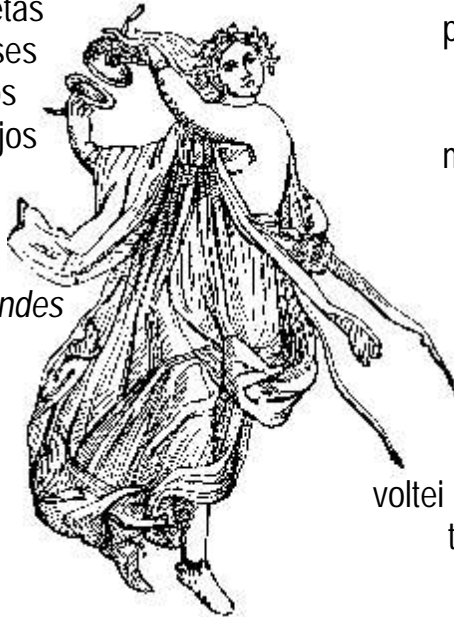
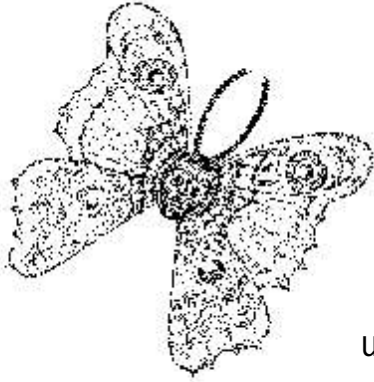
Por favor, abraça-me,
não me abandones
quando como alude
sobrevenha o pranto
arrastando tudo,
coração de luto,
ventre desgarrado,
turbilhão no peito,
alma a descoberto.

E quando, por fim,
encegueçam meus olhos
para já não ver
o irmão morto,
a tragédia inútil,
a esperança em fuga,
permite que me cale,
já secos os lábios,
que descanse a mão
de sinal aberto
e refaça o passo
que se tornou lento.

Lota Moncada

borboletas
esquizofrênicas
precisam ser presas
depressa
ao papel ou
esvaem-se no tempo
perdem-se no espaço
caem na sarjeta
bêbadas
insones
apócrifas
de si mesmas
indigentes indigestas
confusas aliterações
sem reiteraões
borboletas sibilantes
sussurram sufocantes
no peito de poetas
fibrilantes êxtases
exultantes jorros
pulsantes desejos
desvanecem
quiromaníacas

Michelle Hernandez



Brincando com os poetas

Acorda, Maria Bonita!
Levanta e vá tomar o café,
que eu preparei,
porque de hoje em diante
serei teu parceiro,
um lampião com todo o gás...

Amélia, mudei de ideia,
aprendi que a menor vaidade
te faz submissa,
quero-te assim vaidosa,
guerreira e perfumosa,
pra nos amarmos de verdade.

Sô paraibana,
mas não sô macho não sinhô,
sô é muntu muié, e das boa!
Só quero respeito e lembrá
que não aceito tapa na cara,
Que eu revido...

Pensando melhor, Mariana,
não leve a sério meu adeus,
voltei pra gente sentar e conversar,
te amo e não quero te perder,
tem que ter um jeito
da gente se acertar.

"Olha que coisa mais linda mais cheia de graça..."

no trabalho...



Objetos de conversação

Fala-se com as flores,
Fala-se com os frutos,
Fala-se com as cores,
Fala-se com os brutos!

Fala-se com a tinta,
Fala-se com o papel,
Fala-se com a pinta,
Fala-se com o pincel!

Fala-se com as vozes,
Fala-se com os gestos,
Fala-se com as nozes,
Fala-se com os restos!

Oorpo Santo

Adentra a sala fera em fúria
falando a fala do trovão.
- Precisamos aumentar a produção!
O escritório precipita-se na azáfama.
Eleva-se rugido
das diversas máquinas
datilografando uníssonas.
De repente, o silêncio.

Um sábiá pousou no parapeito,
inflou o peito alaranjado
e cantou.
Cantou!

Pessoas pararam para ouvir.
O escritório, a empresa, a cidade...
tudo parou para escutar
a natureza falar sem palavras...

- Precisamos aumentar a emoção!

Renato de Mattos Motta



Humana

Ora em recônditos nichos
Hamlets rebelam-se
e me exaltam os ânimos
a resolver com um punhal
os problemas da vida

Ora um anjo sussurra-me
o salmo vinte e três
e me deixa descansar
em verdes pastos
ao som de coros celestiais

Ora me inquieto
e pondero se valeu
ser condenada ao Hades
por não ter resistido
a uma doce romã

Me descubro humana
com um segredo de Midas
a desafiar-me a coragem
a expor minha fragilidade

Anseio pela chegada das monções!

Scyla Bertoja





Pedaços de vento
drenam sombras
nesta tarde partida
pássaros vocábulos
domam ansiedade

meu verbo é
úmido íntimo único

ando aérea átona ávida
entre vento voos e verbo.

Zaira Cantarelli



Vielas

Meu seio em tua mão repousa.
Sorves dia a dia a pura seiva.
Não me dispensas.
Viajas em mim a tua competência.
Nesse Porto dos Casais, sou mais tu
Quando me embriago desse sol,
Quando atraco nas vielas do teu corpo que sussurra mil ais.

Soninha Athayde

A

arte é uma amante exigente e caprichosa. Artistas soem

estar em estado de absoluta paixão, obcecados. Não por acaso, os gregos simbolizavam a criação artística por nove deusas belas, jovens, sempre a dançar e cantar. Como uma amante caprichosa, a arte exige dedicação total, mas nunca garantiu nada em troca. Van Gogh, talvez o pintor que mais influenciou a arte do século XX, morreu aos 37 anos sem ter vendido um único quadro; seu reconhecimento só foi começar a acontecer 11 anos após sua morte... Para Qorpo Santo, foi preciso quase um século.

Gente de Palavra é um grupo de artistas do texto. A obsessão pela exatidão, pela harmonia de forma e conteúdo ao lidar com a língua é comum a todos. Procuramos proporcionar um espaço de expressão sem censuras de qualquer tipo, nem mesmo de idade: nosso membro mais novo, Gabriel Hernandez, tem apenas 12 anos; outros têm muito mais que isso.

Para concretizar um sonho, é preciso que haja quem acredite nele e invista para transformá-lo em realidade. Gente de Palavra é um sonho que começa a acontecer, e esse começo tem base não apenas nos artistas-membros, mas também naqueles que patrocinam a concretização deste sonho. O Instituto Estadual do Livro, órgão da Secretaria da Cultura do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, vem acreditando e trabalhando conosco desde antes de termos este nome. O Café Pinacoteca, muito mais que um lugar onde fazemos nossos saraus, tem se provado outro parceiro de fé. A estes, a partir de agora, vem se somar a Livraria Ábaco. O sonho toma força quando tem um terreno firme onde ser construído. Obrigado a todos.

RMM

Gente de PALAVRA

Edição e diagramação:
Renato de Mattos Motta

Revisão:
Michelle Hernandes e IEL

Porto Alegre, novembro de 2012

APOIO:

